

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Andrew Urbano Silva
Mateus Pontes Ruivo
Priscila Braga Laudares dos Santos

“Do outro lado da rede”: O esporte como instrumento de inclusão

SÃO PAULO
2025

ANDREW URBANO SILVA
MATEUS PONTES RUIVO
PRISCILA BRAGA LAUDARES DOS SANTOS

“Do outro lado da rede”: O esporte como instrumento de inclusão

Memorial Descritivo de Produção Midiática
apresentado à Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo para a conclusão
do curso de Licenciatura em Educomunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Palma
Mungioli

SÃO PAULO
2025

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	4
2. CENÁRIO – CONTEXTO.....	5
3. JUSTIFICATIVA.....	7
4. SUJEITOS ATENDIDOS.....	14
5. OBJETIVO GERAL.....	15
6. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
7. MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO.....	16
8. INDICADORES DE RESULTADOS.....	17
9. METODOLOGIA.....	20
10. ESTRATÉGIAS.....	25
11. PLANO DE MÍDIA E CONTRAPARTIDAS.....	26
12. RECURSOS.....	28
13. REFERÊNCIAS.....	29
14. ANEXOS.....	35
14.1. ANEXO 1 - Diário de Bordo.....	35
14.2. ANEXO 2 - Roteiro.....	45

1. APRESENTAÇÃO

Título

“Do outro lado da rede”: O esporte como instrumento de inclusão

Integrantes

Andrew Urbano Silva - 11277789

Mateus Pontes Ruivo - 11277793

Priscila Braga Laudares dos Santos - 11226764

Identificação

Projeto de Produção Midiática - Licenciatura em Educomunicação ECA/USP;

Descrição

O documentário “Do Outro Lado da Rede” aborda a história de vida de Mikaella Reis e destaca como o esporte se constitui como motor de transformação da sua vida. Mikaella foi para a cidade São Paulo, onde viveu por 10 anos na prostituição. Ela afirma que o esporte abriu outras perspectivas de trabalho, inserção social e ativismo.

Historicamente, o esporte brasileiro e mundial não é um espaço acolhedor para a comunidade LGBT+, especialmente para pessoas transexuais. Por isso, consideramos relevante trazer as pessoas trans para o centro da discussão sobre a presença de atletas trans em competições e no esporte em geral.

A produção midiática visa analisar como o esporte e o coletivo esportivo foram instrumentos essenciais de transformação de vida para Mikaella. De forma resumida, o projeto é um curta-metragem documental que busca apresentar o papel do esporte como elemento de construção social de identidade e de conquista de um lugar social na sociedade. A perspectiva que guia todo o projeto se baseia nos princípios educomunicativos que propõem a intervenção na realidade social para a construção de uma sociedade mais inclusiva e fundamentada nos princípios de equidade. (Soares, 2011)

Palavras-chave: LGBT+; Esporte; Transexualidade; Educomunicação.

2. CENÁRIO – CONTEXTO

O documentário produzido tem como principal objeto a trajetória de Mikaella Reis enquanto travesti, atleta e profissional. Sua história é marcada pela rejeição familiar e pela entrada na prostituição como única alternativa de sobrevivência e trabalho. A produção enfoca de maneira mais incisiva no papel que a participação em um coletivo esportivo teve em sua trajetória pessoal e profissional, incluindo impactos sociais e psicológicos.

O esporte é reconhecido globalmente como um fator essencial para a promoção da saúde física e mental, além de ser uma ferramenta potente de inclusão social. Para pessoas trans e travestis, entretanto, a inserção em ambientes esportivos e de lazer é um desafio significativo devido à transfobia estrutural:

A transfobia é uma sanção normalizadora à transição de gênero e à violação das normas de gênero que se inscrevem no corpo. A violência transfóbica atua em um nível discursivo, por discriminações sutis, de modo que a rejeição à transgênero circula nos discursos, entre as pessoas antes mesmo que elas iniciem suas transições e entendam-se pessoas trans. Igualmente, a transfobia participa do grupo de violências de gênero, com sua especificidade característica, alcançando gravíssimas agressões físicas e assassinatos. Socialmente generalizada e acompanhada de crimes de ódio, a transfobia é um componente do genocídio trans no Brasil. (Podestá, 2019, p. 375)

A transfobia se manifesta de diversas maneiras, por meio de ações mais simples e sutis até aquelas mais perigosas. Essas violências têm o objetivo de invalidar as pessoas transgênero e sua participação nas diferentes esferas sociais, acarretando em problemas de saúde mental e física.

Em 2018, a Organização Mundial da Saúde lançou o plano global “*Let's be active: Everyone, Everywhere, Everyday*”, para estimular a atividade física frequente, destacando que a prática regular de atividades físicas melhora a saúde cardiovascular, auxilia no controle do peso, fortalece os sistemas musculoesquelético e imunológico e contribui para a saúde mental (OMS, 2018).

Ainda, em pesquisa realizada com pessoas trans e travestis, associadas a quatro organizações civis do Rio Grande do Norte, concluiu-se que 41,4% tinham prevalência de ideações suicidas (Silva et al., 2020). Nos Estados Unidos (EUA), pesquisas relatam um número parecido, onde pessoas trans têm cerca de 41% de prevalência de tentativas de

suicídio, destacando que esse número é cerca de quatro vezes maior que a observada em lésbicas, gays, bissexuais e população geral (Haas; Rodgers; Herman, 2014). De acordo com os dados, percebe-se que as questões de saúde mental afetam grande parte da população trans, aumentando, consideravelmente, pensamentos suicidas nesse grupo especialmente quando comparado com o restante da população.

Nesse sentido, a inserção em atividades esportivas pode ajudar a mitigar impactos negativos da transfobia estrutural ao criar redes de apoio. No documentário, Mikaela Reis compartilha como o vôlei se tornou um meio de superação, permitindo que ela desenvolvesse confiança e habilidades sociais. O time Angels Volley, formado majoritariamente por mulheres trans, se consolidou como um espaço de acolhimento, oferecendo lazer e oportunidades para mulheres trans que, muitas vezes, encontram barreiras para participar de clubes e academias convencionais.

Além disso, as barreiras ficam ainda maiores quando pessoas trans tentam entrar em competições esportivas. O Comitê Olímpico Internacional (COI), em sua última diretriz sobre participação de pessoas trans no esporte, incentiva uma maior inclusão, independente da identidade de gênero (COI, 2021). Contudo, como a organização não estabeleceu um padrão regulatório para as federações esportivas, alguns torneios e competições ainda criam regulamentos excludentes para atletas trans. A exigência de exames hormonais e documentos de retificação de gênero para a participação em competições é um entrave para muitas mulheres trans. Como relatado no documentário, Mikaela menciona que algumas jogadoras do time enfrentam dificuldades para competir devido a essas exigências, que muitas vezes são incompatíveis com a realidade financeira e de acesso à saúde dessa população (Do outro lado da rede, 2025, 13'58").

Portanto, o documentário busca expor esse cenário e destacar a importância do acesso a espaços inclusivos e acolhedores à população trans, a partir das entrevistas com a Mikaela, protagonista da produção, e o acompanhamento de seu dia-a-dia no coletivo esportivo e no seu emprego atual. Vale dizer que, hoje, a Mikaela trabalha como assessora da presidência do Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder, oportunidade que ela conseguiu a partir de atividades desenvolvidas no Angels Volley.

O projeto se baseou esteticamente em obras como “Luz da Noite” (2017), um curta documentário realizado sobre a vivência de uma drag queen, com planos de câmera acompanhando de forma observativa o ambiente e a personagem principal, e toda sua

narração acontecendo em *voice over* e no canal musical “*La Blogothèque*” que realiza vídeos musicais, acompanhando os artistas em ambiente abertos, sua câmera predominantemente na mão, sem estabilização, acompanhando o artista o tempo todo, mostrando sua relação com o espaço em que está inserido.

Para determinar o fio narrativo do filme, nos baseamos nos conceitos da obra de McKee (2006), agora, para nortear processos de montagem, criar interligação e sentido entre os planos usamos como suporte as obras de Tarkovsky (1998) e Autran (2006) e o texto de Nichols (2007) que nos ajudou a estabelecer o formato ideal para o documentário.

Após a conclusão do documentário, deve-se estabelecer parcerias institucionais para sua execução, tais como alinhamentos para exibição em espaços como casas de cultura, inscrições em festivais e mostra, entre outras ações que ampliem o alcance do documentário. Além disso, é importante garantir uma presença em redes sociais e veículos de imprensa para engajar o público e potencializar a mensagem da produção.

3. JUSTIFICATIVA

A luta das pessoas trans e travestis no Brasil não é inédita e passa por inúmeros momentos da história brasileira. Ela não é, tampouco, branda, sendo marcada por violência e preconceito, mas também por resistência, alegria e uma vontade de viver que perdura e inspira todos e todas que sonham com uma “vida normal”.

Primeiramente, vale destacar que o grupo que produziu o presente trabalho é composto por dois homens e uma mulher cisgêneros, ou seja, que se identificam com o gênero atribuído no nascimento. Tal observação é essencial para posicionar os sujeitos produtores em relação ao tema e ator social, uma pessoa transgênero, que não se identifica com o gênero atribuído no nascimento. Nesse sentido, é importante frisar a necessidade de envolver o ator social na produção, pois suas vivências enquanto pessoas trans não devem ser contadas à partir de uma lógica cisgênero. Como coloca Rodovalho (2017), pessoas não-trans que falam de narrativas trans precisam se localizar:

A nomeação daquilo que seria não-trans, não-nós, surge duma necessidade muito nossa, de percebermos com cada vez mais clareza que a insuficiência daquilo que dizem que somos tem que ver, sobretudo, com a recusa em se situarem, em dizerem quem são, ao falarem de nós, dado que são essas as pessoas majoritariamente que

falam de nós, por nós: se lhes damos um nome, “cis”, é para entender melhor do olhar que primeiro nos concedeu existência, do olhar que, hoje, começa a nos deixar existir. (p. 367)

Além disso, estabelece-se também que o conceito de gênero é construído socialmente e rejeita as ideias do determinismo biológico, que compreende os comportamentos de gênero como inevitavelmente consequentes da anatomia biológica do corpo e é amplamente defendido por alas conservadoras e grupos feministas radicais. Como desenvolve Nascimento (2021), autora e pesquisadora transfeminista, ao refletir sobre a história movimento feminista:

Embora as feministas tenham avançado com o conceito de gênero, ainda existe um limite que precisa ser superado, que é a ideia, defendida por feministas radicais, de que o sexo anatômico/biológico guardaria qualquer tipo de verdade sobre a suposta “natureza feminina”. Por mais que o gênero seja cultural, o sexo seria esse limite imposto pela natureza que a cultura só poderia transpassar, operar, mas nunca produzir. [...] Quanto a isso, reitero que qualquer verdade universal sobre os nossos corpos é um entrave para o feminismo. Não é a nossa “anatomia biológica” que produz o gênero, mas o gênero, como indica Butler (2017), é o próprio processo pelo qual os corpos se tornam matéria. Afinal, nós não somos nossos corpos, nós fazemos nossos corpos. (p. 26 - 27)

Ao entender a dimensão social dos corpos transexuais, podemos avançar para a investigação de como eles estão inseridos na sociedade. Historicamente, a população trans foi vista pela sociedade moderna apenas pela ótica médica, fonte de patologização e invalidez dessas pessoas por muito tempo, e insistir apenas nessa visão pode invisibilizar uma série de questões identitárias da comunidade. Embora ela não deva ser desconsiderada, seus dados e pesquisas devem ser abordados de forma conjunta e entrelaçados com a ótica social, levando em conta, também, a identidade dos sujeitos. Dessa forma, podemos estabelecer um entendimento mais acurado em relação à história e contexto da população trans.

Um dos marcos da história recente da luta da comunidade trans no Brasil aconteceu no dia 29 de janeiro de 2004. Nesta data, cerca de 30 mulheres trans e travestis ocuparam espaço dentro do Congresso Nacional para o lançamento da campanha “Travesti e Respeito; já está na hora dos dois serem vistos juntos” do Ministério da Saúde. Discutiram-se políticas públicas voltadas para a população trans, especialmente no campo da saúde, inclusão social e enfrentamento da violência e do preconceito. A partir dessa mobilização, o dia 29 de

janeiro foi instituído como o Dia da Visibilidade Trans, um marco na luta por direitos e reconhecimento dessa população no país.

Ainda, apenas em 2019, durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, a Organização Mundial da Saúde deixou de considerar a transexualidade como uma doença mental:

A Organização Mundial da Saúde (OMS) removeu da sua classificação oficial de doenças, a CID-11, o chamado “transtorno de identidade de gênero”, definição que considerava como doença mental a situação de pessoas trans - indivíduos que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. (Nações Unidas Brasil, 2019)

A 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) foi validada em 2019 e entrou em vigor a partir de 2022. A edição reclassifica a transexualidade como “incongruência de gênero”, desconsiderando-a como um transtorno mental e a colocando em um novo capítulo dedicado à saúde sexual. Destacando a necessidade de estabelecer medidas para tratar de questões e desafios de saúde específicas dessa população.

Apesar de avanços, a população trans continua sendo sistematicamente violentada e invisibilizada. Isso é evidente quando se percebe a deficiência na coleta de dados sobre essa população pelo estado, sendo esse um processo importante para a criação de políticas públicas efetivas. A maioria das informações sobre a comunidade trans é sistematizada por organizações não-governamentais, como a Associação Nacional de Transexuais e Travestis (ANTRA), e dependem, principalmente, de informações disponíveis na mídia.

Os dados coletados são extremamente preocupantes e denunciam uma sociedade ainda preconceituosa. Em 2024, de acordo com dados apurados pela ANTRA (2025), foram 122 pessoas trans e travestis assassinadas, em sua maioria com requintes de crueldade. Ainda, o estado de São Paulo teve o maior número de casos de assassinato dessa população, com 16 ocorrências. Os dados são perturbadores especialmente para a juventude trans, uma vez que a média de idade das vítimas foi de 32 anos. Essa faixa segue a estatística apurada há anos por essas organizações, na qual a expectativa de vida de pessoas trans no Brasil é de 35 anos - menos da metade da população geral, que figura nos 76,4 anos (IBGE, 2024).

Além da falta de visibilidade do estado, muitas pessoas trans sofrem com a rejeição da família, chegando a serem expulsos do seio familiar já muito jovens. Esse foi o caso da Mikaela, como relata no documentário produzido pelo grupo

Eu vim de Belém do Pará há alguns anos atrás, em busca de novas perspectivas, porque a minha família não aceitava que eu tivesse feito essa transição. Já me travestia de 15 para 16, e quando assumi a transexualidade já foi pelos 20 anos. E aí não aceitaram. (Do outro lado da rede, 2025, 01'49")

Sem o amparo da família, a necessidade de sobrevivência leva muitas jovens travestis e transexuais para os braços da prostituição. De acordo com Benevides e Nogueira (2021), 90% da população de travestis e mulheres transexuais têm a prostituição como fonte primária de renda. Também foi o caso da Mikaela: "Acabei caindo na prostituição, onde sobrevivi por dez anos. Eu consegui sobreviver nessa selva de pedra, sozinha, com pulso mesmo. Mas foi tudo muito difícil" (Do outro lado da rede, 2025, 02'35")

A história da Mikaela é um reflexo das violências, desigualdades e injustiças que pessoas trans e travestis enfrentam no país. Nascida em Belém, no estado do Pará, ela veio para a cidade de São Paulo aos 21 anos em busca de novas oportunidades, porém elas não surgiram, restou-lhe apenas se tornar uma profissional do sexo para conseguir sobreviver na "selva de pedra". Nos 10 anos em que trabalhou nas esquinas de São Paulo, foi exposta a várias situações violentas e traumas que a acompanhavam em todos os aspectos da sua vida.

Apesar de tudo, o encontro com o esporte foi um momento transformador na sua vida. Em 2019, a Mikaela começou a participar dos encontros do coletivo esportivo Angels Volley, fundado por Willy Montmann, junto com outras mulheres trans e travestis. O grupo se tornou uma rede de apoio para ela e para as outras jogadoras, especialmente na pandemia da Covid-19. Além disso, o time a ajudou a se desenvolver melhor e abriu portas na sua vida profissional, deixando para trás a dependência da prostituição como fonte principal de renda e conseguindo um emprego formal.

Sua história é um atestado da importância de existirem cada vez mais espaços inclusivos, pois estar presente na quadra trouxe à Mikaela a oportunidade de mudar de vida. Compartilhar experiências transformadoras, como as dela, é poderoso, especialmente em momentos de regressão política e do fortalecimento de ideologias conservadoras:

O avanço de uma agenda antitrans no Brasil, impulsionada por forças políticas conservadoras, reflete o crescimento do bolsonarismo e a consolidação da extrema direita no país e ao redor do mundo. Testemunhamos o mesmo projeto que neste momento está vigente nos EUA com uma enxurrada de projetos de lei antitrans, sob a justificativa de proteger a "moral e os bons costumes" ou "os direitos das mulheres e meninas", e que na

verdade visam restringir direitos fundamentais das pessoas trans. Essas propostas, muitas vezes disfarçadas de preocupações com a infância, educação ou esportes, atacam diretamente a dignidade e o direito à existência da comunidade trans. (Benevides, 2025, p. 14)

O desenvolvimento de espaços inclusivos não se refere apenas à infraestrutura, como criar novas quadras e ginásios, mas, também, à conscientização social, para que os espaços que já existem, como parques públicos, sejam receptivos a essas pessoas e não representem uma ameaça à sua integridade física ou mental. Para que travestis e transexuais possam se sentir confortáveis em usar espaços sem medo ou constrangimento.

Nesse sentido, a produção midiática realizada é um documentário curta metragem que conta a trajetória da Mikaella Reis. Sua história toca em pontos comuns para muitas pessoas LGBT+ no Brasil, como a rejeição familiar. Passando pela migração para a cidade de São Paulo e a entrada na prostituição para sobreviver, até chegar no esporte como um ponto de virada de sua vida. Ainda, o curta foca em mostrar como ela e sua história se transformaram em referência para outras pessoas travestis e transexuais.

O documentário é a linguagem cinematográfica mais adequada para documentar a realidade e transmitir vivências, detendo um potencial enorme para estimular discussões e a promover a conscientização social. Ainda, de acordo com a ANCINE (2004), a obra de curta-metragem é definida como uma obra cinematográfica “cuja duração é igual ou inferior a quinze minutos” e outras instituições cinematográficas como a Academia do Oscar colocam o limite do formato como uma obra de até 40 minutos. Apesar de não ter um consenso sobre esse limite, a curta duração de obras cinematográficas abre a possibilidade para o uso em diferentes espaços, como aulas, seminários, rodas de conversa etc, onde, dependendo de inúmeros fatores, um longa-metragem de 90 minutos não conseguiria ser tão bem aproveitado.

A produção midiática foi criada com intencionalidade, visando a transformação social, e, assim, estabelecendo relações fundamentais com os princípios da educomunicação, nas suas dimensões práticas e teóricas. Podemos destacar, principalmente, a expressão comunicativa por meio da arte, dimensão com apelo especial aos integrantes do grupo, pela própria identificação como grandes entusiastas pela produção artística. A concepção da produção sempre teve em seu horizonte a vontade de evocar diálogos sobre o tema, por meio da arte e comunicação.

O trabalho apoia-se no conceito de comunicação de Kaplún (1985), onde ele a define como uma relação de compartilhamento entre pessoas e/ou comunidades:

La verdadera comunicación -dicen- no está dada por un emisor que habla y un receptor que escucha, sino por dos o más seres o comunidades humanas que intercambian y comparten experiencias, conocimientos, sentimientos (aunque sea a distancia y a través de medios artificiales). Es através de ese proceso de intercambio cómo los seres humanos establecen relaciones entre sí y pasan de la existencia individual aislada a la existencia social comunitaria. (p. 68)

Além disso, Soares (2011) conceitua a Educomunicação como um “ecossistema comunicativo” onde os espaços educativos seriam construídos ou transformados para se fortalecer os relacionamentos, de forma vivaz, empática e alegre. Valemos-nos desse conceito para mostrar as dimensões educomunicativas dos próprios espaços exibidos no curta, como o Angels Volley e o Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder. Essas instituições podem ser pensados como a própria definição de espaços de comunicação, uma vez que são onde acontece compartilhamentos de saberes e vivências (Kaplún, 1985), também são lugares de diálogo, cidadania e educação, e se tornaram faróis para uma parte da comunidade trans e travesti na cidade de São Paulo.

A Educomunicação visa integrar práticas educativas ao estudo sistemático da comunicação, promovendo ecossistemas comunicativos mais democráticos e participativos (Soares, 2004). No contexto do documentário sobre Mikaella Reis, essa abordagem é evidente ao amplificar narrativas marginalizadas, fomentando o diálogo intercultural e a conscientização social. Ainda, Soares (2004) enfatiza a importância de melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas, o que se reflete na escolha do documentário como meio para engajar o público em uma reflexão crítica sobre as experiências das pessoas trans e travestis no Brasil.

Dessa forma, o trabalho também rejeita a chamada “educação bancária”, entendendo que deve existir uma relação de troca entre educador e educando:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam, repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (Freire, 2019b, p. 80-81, aspas do autor)

Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse - e quando é -, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em paciente de seus comunicados. A comunicação, pelo contrário, implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. (Freire, 2013, p. 76)

Ao entender que no processo de comunicação se estabelece uma relação entre os sujeitos, é nesse contexto que se cria um ambiente propício para o desenvolvimento do pensamento crítico:

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (Freire, 2019a, p. 141)

Assim, ao evocar diálogos e estimular o pensamento crítico, a utilização da própria obra, seus temas e metodologias em contextos formais e informais de educação alinha-se com a perspectiva de Soares (2018) sobre a necessidade de uma educação que privilegie a formação para o exercício do direito universal à expressão e à comunicação. A prática educomunicativa é indispensável na implementação de reformas curriculares que atendam às demandas por uma educação que promova a cidadania ativa (Soares, 2018). Ao abordar temas como rejeição familiar, migração e inclusão no esporte, o documentário contribui para a construção de um ecossistema comunicativo que valoriza a diversidade e fomenta a inclusão, reforçando o papel da Educomunicação na promoção de uma educação transformadora e inclusiva.

A produção também é um atestado da internalização dos princípios educomunicativos do grupo, principalmente na questão de capacidade de produção de produtos que falem sobre situações sociais relevantes e atuais. O curso de graduação de Licenciatura em Educomunicação da ECA-USP tem uma frase que ecoa em todos os

discentes: “Educom é Amor e Luta”. É com esse mote que estabelecemos um compromisso para com a comunidade LGBTQIA+, na qual todos do grupo fazem parte e se envolvem diariamente em suas questões sociais e políticas. Esse compromisso seria colocar em prática aquilo que tivemos o privilégio de aprender na graduação para lutar contra retrocessos e para conquistar mais espaço na sociedade.

Por isso, compreendemos a nossa produção midiática como uma ferramenta educomunicativa poderosa que pode ajudar a desconstruir preconceitos sobre a comunidade trans, especialmente no que se refere à prática do vôlei e outros esportes coletivos. Além de poder inspirar a criação de novos coletivos inclusivos e estimular a presença de jovens e adultos transexuais na prática do esporte.

Nesse sentido, entendemos que para explorar o potencial educomunicativo da produção, temos que estabelecer parcerias para ampliar a presença dela em diferentes espaços. Convém mencionar que já tivemos uma manifestação de interesse do Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder para a exibição do documentário. Devemos, também, investigar outros espaços, como mostras, festivais e casas de cultura, para levar essa história o mais longe possível.

4. SUJEITOS ATENDIDOS

A produção midiática desenvolvida é um documentário sobre a importância de espaços inclusivos no esporte para a comunidade trans, centrado na trajetória de Mikaella Reis. Por conta de seu ponto de vista, o projeto atende, principalmente, mulheres trans e travestis ao tentar desconstruir preconceitos e conscientizar a sociedade em relação ao acolhimento dessa população nos esportes.

Além disso, o projeto ainda conta com a produção de conteúdo audiovisual da protagonista e dos espaços em que ela ocupa, sendo esses o time Angels Volley e o Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder. O material será disponibilizado aos interessados dessas instituições para o seu uso livre, incluindo as gravações e o documentário finalizado. Assim, criando um registro de memória sobre a comunidade trans de São Paulo, centrada nesses personagens e espaços. A narrativa pode servir a demais grupos da comunidade LGBTQIA+, esportistas e cidadãos que acreditam na disseminação do esporte e do lazer de maneira progressista e acolhedora.

A base pedagógica da Educomunicação, conforme definida por Soares (2011), fundamenta-se na criação de ecossistemas comunicativos que promovam a participação ativa dos sujeitos no processo de aprendizagem. No contexto do documentário, essa abordagem se manifesta ao transformar a narrativa audiovisual em um recurso pedagógico que possibilita a sensibilização e o diálogo sobre a inclusão de pessoas trans no esporte. A Educomunicação valoriza a expressão comunicativa dos indivíduos, permitindo que educadores, alunos e demais interessados utilizem o documentário como ferramenta para desenvolver reflexões críticas e ampliar o repertório sobre diversidade, respeito e cidadania dentro e fora do ambiente escolar.

Além disso, a Educomunicação incentiva práticas educativas interativas e horizontais, nas quais os sujeitos atendidos não são apenas espectadores, mas também agentes ativos na construção do conhecimento (Soares, 2011). Dessa forma, ao disponibilizar o material para diferentes instituições e grupos, o projeto não apenas registra memórias da comunidade trans no esporte, mas também fomenta novas práticas inclusivas nos espaços educativos e esportivos. A exibição do documentário em escolas, coletivos esportivos e espaços culturais pode servir como um ponto de partida para discussões que abordem o direito ao esporte como parte do direito à educação, garantindo que a diversidade seja reconhecida e respeitada nos processos formativos.

Então, após o processo de aprovação do curta como Trabalho de Conclusão de Curso, vamos começar a documentação para a inscrição em mostras, festivais e exibições em instituições interessadas, sendo que cada um desses espaços terá seu material e forma de divulgação. Depois desse período, vamos produzir teasers, flyers e outros materiais de divulgação digital, que serão veiculados em plataformas como Facebook, Instagram e TikTok, para anunciar o lançamento do documentário no Youtube para acesso geral. Acreditamos no potencial do documentário para inspirar a comunidade esportiva na criação de espaços esportivos (coletivos, times e competições) mais inclusivos.

5. OBJETIVO GERAL

Evidenciar as desigualdades e injustiças que pessoas transexuais enfrentam, bem como os desafios para ocupar certos espaços, especialmente aqueles esportivos e de lazer. Por meio da trajetória de Mikaella Reis, o projeto busca mostrar a importância da inserção

social de pessoas trans nos mais diversos lugares, ampliando essa discussão e destacando o esporte como uma ferramenta de transformação.

6. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O projeto busca produzir um curta-metragem documentário que explora o esporte como instrumento de mudança na vida de Mikaella Reis, evidenciando sua trajetória, assim como as dificuldades e desafios enfrentados por pessoas transexuais. Ainda, define como alicerce o envolvimento do sujeito no processo de criação de produção, em uma relação educomunicativa baseada no “fazer com, não só fazer para”.

Durante o projeto buscará registrar e preservar memórias das instituições e indivíduos envolvidos, contribuindo para a valorização de suas histórias e experiências. Disponibilizando os registros em plataforma online e gratuita, permitindo seu uso pessoal e institucional, fortalecendo a identidade e impacto social das instituições e dos participantes.

Por fim, deve-se promover o documentário por meio de inscrições em mostras, festivais e outros espaços de exibição, ampliando seu alcance e impacto. Após a publicação em uma plataforma de vídeo gratuita, deve-se utilizar ferramentas de comunicação como redes sociais para disseminar a mensagem da produção e atrair o público.

7. MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Compreendendo os objetivos gerais e específicos do projeto como o horizonte da realização do projeto, entendemos que sua execução deverá ser avaliada a partir dos seguintes parâmetros.

Primeiramente, as metas do trabalho envolvem a concepção e apresentação da produção midiática:

1. Produzir um curta-metragem de até 30 minutos;
2. Garantir a satisfação dos envolvidos na concepção e entrega do projeto, por meio de uma colheita de depoimentos.
3. Criar um registro de memória para os envolvidos na concepção do projeto, no formato de um repositório de imagens e vídeos;

4. Estabelecer parcerias com pelo menos três espaços para a exibição do curta, incluindo mostras, festivais, casas de cultura e outras instituições;
5. Reunir um público de no mínimo 15 pessoas nos espaços de exibição, para a realização de rodas de conversa, seminários e outras atividades reflexivas.

Ao estabelecer as metas, poderemos avaliar o seu cumprimento a partir dos resultados das atividades:

1. Disponibilizar o documentário em plataforma livre e gratuita para uso geral;
2. A partir de um formulário de avaliação, aferir as impressões dos participantes quanto ao processo de criação do curta-metragem e da entrega do produto final:
 - a. Ter um índice de aprovação superior ou igual a 80% em relação ao processo de gravação do documentário;
 - b. Ter um índice de aprovação superior ou igual a 80% em relação ao produto final.
3. Disponibilizar as imagens captadas dos envolvidos, em repositório online e de forma gratuita;
4. Produzir conteúdos audiovisuais, como fotos e vídeos, e redigir um relatório de cada exibição da produção, detalhando as impressões do público presente;
5. Distribuir uma lista de presença nos espaços de exibição.

A trajetória de realização do projeto será registrada a partir de um Diário de Bordo (ANEXO 1). O documento deverá conter uma organização dos métodos, fatos e principais acontecimentos da execução da produção midiática.

8. INDICADORES DE RESULTADOS

1. Produção de um curta-metragem.

Indicador: Conclusão de um curta-metragem de até 30 minutos.

Parâmetros:

- **Excelente:** Curta finalizado com até 30 minutos, dentro do prazo e com qualidade técnica e narrativa aprovada pela equipe.
- **Bom:** Curta finalizado com até 30 minutos, mas com pequenos ajustes necessários.

- **Regular:** Curta finalizado, mas com duração superior a 30 minutos ou atraso no prazo.
- **Insuficiente:** Curta não finalizado ou com qualidade insatisfatória.

2. Satisfação dos envolvidos na concepção e entrega do projeto.

Indicador: Índice de satisfação dos envolvidos.

Parâmetros:

- **Excelente:** 90% ou mais dos envolvidos avaliam o processo como "muito satisfatório".
- **Bom:** 80%-89% dos envolvidos avaliam o processo como "satisfatório" ou "muito satisfatório".
- **Regular:** 60% - 79% dos envolvidos avaliam o processo como "satisfatório".
- **Insuficiente:** Menos de 70% dos envolvidos avaliam o processo como "satisfatório".

3. Registros de memória criados para os envolvidos na concepção do projeto.

Indicador: Qualidade e completude do registro de memória.

Parâmetros:

- **Excelente:** Registro completo, com depoimentos, fotos e vídeos organizados e disponibilizados em formato acessível.
- **Bom:** Registro completo, mas com pequenas falhas na organização ou disponibilidade.
- **Regular:** Registro parcial, com falta de alguns elementos (ex.: apenas fotos ou apenas depoimentos).
- **Insuficiente:** Registro incompleto ou não disponibilizado.

4. Impressões dos envolvidos quanto ao processo e produto final.

Indicador: Colheita de histórias dos envolvidos.

Parâmetros:

- **Excelente:** 90% ou mais de aprovação tanto no processo quanto no produto final.
- **Bom:** 80%-89% de aprovação tanto no processo quanto no produto final.
- **Regular:** 70%-79% de aprovação no processo ou no produto final.
- **Insuficiente:** Menos de 70% de aprovação no processo ou no produto final.

5. Parcerias com instituições para a exibição do curta.

Indicador: Número de parcerias estabelecidas.

Parâmetros:

- **Excelente:** 4 ou mais parcerias estabelecidas.
- **Bom:** 3 parcerias estabelecidas.
- **Regular:** 2 parcerias estabelecidas.
- **Insuficiente:** Menos de 2 parcerias estabelecidas.

6. Público presente nos espaços de exibição.

Indicador: Número médio de participantes por exibição.

Parâmetros:

- **Excelente:** Média de 20 ou mais participantes por exibição.
- **Bom:** Média de 15-19 participantes por exibição.
- **Regular:** Média de 10-14 participantes por exibição.
- **Insuficiente:** Média inferior a 10 participantes por exibição.

7. Produção de conteúdos audiovisuais e relatórios das exibições.

Indicador: Qualidade e completude dos conteúdos e relatórios.

Parâmetros:

- **Excelente:** Conteúdos audiovisuais e relatórios completos, detalhados e entregues no prazo.
- **Bom:** Conteúdos e relatórios completos, mas com pequenos atrasos ou falhas mínimas.
- **Regular:** Conteúdos e relatórios parciais ou com falta de detalhes.
- **Insuficiente:** Conteúdos e relatórios não produzidos ou entregues de forma incompleta.

8. Documentário em plataforma livre e gratuita.

Indicador: Acesso e visibilidade do documentário na plataforma.

Parâmetros:

- **Excelente:** Documentário disponível em plataforma gratuita, com mais de 1.000 visualizações nos primeiros 30 dias.
- **Bom:** Documentário disponível em plataforma gratuita, com 500-999 visualizações nos primeiros 30 dias.
- **Regular:** Documentário disponível em plataforma gratuita, com menos de 500 visualizações nos primeiros 30 dias.
- **Insuficiente:** Documentário não disponibilizado ou com problemas técnicos de acesso.

9. METODOLOGIA

Desde o início da realização do projeto, sabíamos que era importante estabelecer bases mais profundas em relação aos temas que abordamos no curta-metragem, portanto o primeiro passo foi realizar uma pesquisa bibliográfica sobre transexualidade, cidadania, esporte e suas relações entre si e com a educomunicação. Essa ação foi realizada em conjunto pelos integrantes do grupo nos primeiros dois meses do projeto, mas frequentemente revisitando as referências para atualizá-las e rememorar as considerações.

Concomitantemente, nos primeiros meses do projeto entramos em contato com os sujeitos de interesse, ou seja, as pessoas que entrevistamos para a produção do documentário. Nesse processo, como descrito no nosso Diário de Bordo (ANEXO 1), tivemos mudanças no escopo do projeto. No início a ideia era produzir um documentário sobre várias das integrantes do time Angels Volley, mas decidimos alterar devido às exigências do time em relação à veiculação do curta. Portanto, ao repensar o projeto, decidimos continuar com o tema, mas trabalhar com uma narrativa mais pessoal.

Nesse contexto, começamos a fazer uma conversa mais direta com as possíveis entrevistadas. Fundamentados no texto de Postali (2024), realizamos um encontro prévio com os atores sociais antes das entrevistas:

O encontro prévio é apresentado como uma chave fundamental para a produção de filmes que abordam questões sociais. Nesse sentido, o primeiro contato com os atores sociais deve ser livre dos aparatos técnicos para que se estabeleça uma relação genuína e de confiança entre documentaristas e atores sociais. Nele, o realizador deve esclarecer aos atores sociais sua intenção com o filme e a importância deles como vozes da experiência, como indivíduos que

possuem discursos, muitas vezes, divergentes dos apresentados pelo documentarista ou outras esferas sociais e que, portanto, são perspectivas fundamentais para o documentário e para a compreensão da vida em sociedade. (p. 181)

O encontro se mostrou essencial para entender melhor o discurso dos atores sociais e auxiliou no desenvolvimento de um questionário mais assertivo em relação à narrativa que queríamos captar das entrevistadas. Além disso, foi importante para o grupo criar uma conexão com as entrevistadas e para elas se sentirem parte do projeto e contribuírem com a sua construção.

Além de garantir um espaço confortável para as entrevistadas compartilharem suas histórias conosco, tivemos que garantir um espaço físico esteticamente agradável e coerente com o tema, assim como um aparato técnico de qualidade para realizar as gravações. Nesse sentido, a partir do terceiro mês de realização do projeto, procuramos cenários em quadras poliesportivas e ginásios, levando em consideração a série documental “As Bicampeãs”, que conta a história das bicampeãs olímpicas do voleibol brasileiro e sua trajetória até conseguirem as medalhas.

O grupo ficou muito satisfeito com a visita técnica realizada no Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP) e, com as devidas permissões da administração da instituição, foi lá que realizamos as gravações das entrevistas.

Em relação aos recursos técnicos utilizados pelo grupo, a maioria foi emprestada do Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisas em Educomunicação (LABIDECOM), entre eles:

- Câmera fotográfica Canon T6i;
- Câmera fotográfica Canon T5i;
- Gravador de som;
- Tripés de sustentação para as câmeras;
- Kit de iluminação.

Ademais, o grupo também contou com recursos próprios e alugados, como uma câmera fotográfica Canon T7i - pertencente ao Mateus, integrante do grupo - e um kit de microfone sem fio Lark M2 - alugado de lojas especializadas em equipamento audiovisual. Por conta do grupo dispor de recursos financeiros limitados, o LABIDECOM foi de extrema importância para a realização do projeto e para garantir sua qualidade técnica. O processo de

reserva de equipamentos e garantir os locais de gravação foi concluído no começo do quarto mês, período em que tínhamos que começar as gravações das entrevistas.

Além dos fatores previamente mencionados, as escolhas de cinematografia também influenciam na qualidade do documentário, nesse caso aspectos como planos de gravação, definição do plano de fundo e elementos que compõem o cenário. Por isso, baseando-se em obras como “Luz da Noite” decidimos usar duas câmeras para captar as entrevistas, uma com um plano fechado, em primeiríssimo ou primeiro plano, focando no rosto da entrevistada, e outra com um plano americano e médio, focando em pegar a interação da entrevistada com o ambiente. A captação de diferentes planos nos permitiu uma maior flexibilidade na hora de montar o documentário, optando por um plano mais fechado quando fosse mais interessante focar em suas expressões faciais e um plano mais aberto quando fosse mais interessante mostrar gesticulações e movimentos corporais.

Figura 1: Enquadramento em plano focado no rosto da entrevistada.



Figura 2: Enquadramento em plano americano.



Ainda, o plano de fundo e a presença de elementos em cena deveriam ser coerentes ao tema. Por isso, além do ambiente do ginásio esportivo, solicitamos aos funcionários do CEPEUSP a montagem da rede de vôlei no espaço, contribuindo para a enriquecer os detalhes do cenário. A finalização das gravações das entrevistas aconteceu no mês 4 da realização do projeto, como previsto.

Após a conclusão das entrevistas, fizemos uma transcrição das falas captadas e, assim, iniciamos o processo de construção do roteiro, a partir do começo do quinto mês. O roteiro é parte fundamental da produção cinematográfica, uma vez que define como a narrativa vai ser desenvolvida. Nos fundamentamos, na obra de McKee (2006) que aborda o estilo e o tom, aspectos que são essenciais para definir a identidade do documentário. Determinar o tom adequado - seja ele mais sério, reflexivo, ou inspirador - é fundamental para transmitir a mensagem de forma eficaz.

Além disso, o roteiro ajuda a estabelecer se o material captado é suficiente para a construção da produção ou se é necessário buscar mais imagens ou falas para complementar a narrativa. No entanto, percebemos que tínhamos muito material de entrevista, o que acabou dificultando o processo de escolher quais falas entrariam e quais ficariam de fora da versão final. A versão do final do roteiro (ANEXO 2) passou por cerca de 3 revisões até o grupo ficar satisfeito com as escolhas. Mas, já com a primeira versão do roteiro, percebemos que tínhamos uma carência enorme de imagens de cobertura. Então, ainda no mês 5, entramos em contato novamente com a Mikaela e agendamos datas para fazer a captação dessas imagens.

As imagens de cobertura são aquelas que vão dar vida e dinamicidade ao documentário. Com isso, determinamos que iríamos adotar um tom “observativo” ao documentário, isto é, acompanhar a entrevistada durante seu dia, no trabalho ou no treino, e documentar tudo que acontece nessas relações. Priorizamos dois tipos de enquadramento, um plano fechado, focado em seu rosto e um plano mais aberto para captar suas interações com o ambiente em volta. Levando em consideração a natureza do documentário, que aborda a transformação que o time promoveu na Mikaela e o seu papel de referência para outras pessoas trans, priorizamos captar imagens de sua relação com o esporte, com o time que faz parte e com as pessoas com as quais ela trabalha no Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder.

A captação das imagens de cobertura foi feita em mão livre, ou seja, sem equipamentos de estabilização ou tripés, para dar uma sensação de que o espectador está acompanhando a vida da protagonista, como uma testemunha de sua trajetória, pois a falta de estabilização estabelece uma naturalidade maior, como se estivessemos presentes no ambiente.

Enfim, ao finalizar o processo de captação de todas as imagens necessárias, pudemos concluir o roteiro e nos debruçar nas etapas de montagem e edição da produção, lideradas pelo Andrew e iniciadas no começo do sexto mês de projeto. Essa etapa foi fundamentada, principalmente, por obras como as de Tarkovsky e Bill Nichols do ponto de vista teórico, já esteticamente, buscamos referências no documentário “Luz da Noite”, no canal “*La Blogothèque*” e na série documental “As Bicampeãs”, baseando-se na naturalidade que a câmera na mão traz e no tom observativo. A última etapa, também realizada no sexto mês, foi a avaliação da produção e fazer os ajustes necessários.

Convém destacar que todas as etapas tiveram a participação de todos os integrantes do grupo, contudo, algumas atividades foram lideradas por aqueles que têm mais familiaridade ou domínio técnico. A parte de direção, roteirização e edição do curta, que inclui a definição de planos de filmagem, estética e narrativa da produção, foram conduzidas por Andrew, levando em conta o seu histórico de formação técnica em audiovisual e sua experiência de mais de dois anos como editor profissional de filmes.

As atividades de produção e coordenação técnica, como garantir a reserva e funcionamento dos equipamentos utilizados, foram lideradas por Mateus, por conta de sua facilidade e experiência com o manuseio de equipamentos audiovisuais. Já a realização das entrevistas foi mediada por Priscila.

Baseado nos princípios da educomunicação, o esforço colaborativo foi essencial para a realização do projeto. Segundo Soares, a educomunicação é um campo que integra educação e comunicação de forma a promover a formação crítica e cidadã dos indivíduos. Propondo um processo de ensino-aprendizagem que vai além da transmissão de informações, favorecendo a construção coletiva do conhecimento e a reflexão crítica sobre o papel da mídia na sociedade.

Na construção da produção midiática, todos os integrantes do grupo se tornaram protagonistas do processo criativo, trazendo suas experiências e habilidades, e enriquecendo o diálogo e o desenvolvimento das atividades. Durante o processo, promovemos encontros

regulares de reflexão e discussão, em que compartilhamos ideias, sentimentos e aspirações, o que favoreceu a construção de um ambiente de confiança e respeito mútuo. Essa abordagem é apoiada por Soares (2011), que enfatiza que a educomunicação deve promover espaços de diálogo e escuta ativa, fundamentais para tratar de temas sensíveis, como a transexualidade e a cidadania. Vale mencionar ainda que fizemos diversas reuniões com a orientadora do trabalho com a finalidade de discutir objetivos, estratégias de abordagem do tema, bem como de operacionalização para a realização do documentário.

A conclusão da produção midiática marca a finalização de uma trajetória cheia de desafios, mas, também, marca a linha de partida da rota para potencializar a mensagem dessa produção, bem como fazê-la chegar o mais longe possível. Por isso, tendo em vista os objetivos estabelecidos para o projeto, buscaremos estabelecer parcerias com instituições para a exibição do curta-metragem, com a realização de rodas de conversa para estimular o diálogo sobre a importância de espaços inclusivos de esporte.

10. ESTRATÉGIAS

O processo de organização da equipe foi feito a partir das familiaridades e experiências de cada integrante. Então, o Andrew ficou responsável por definir a estética, narrativa e direção do curta, por causa de sua formação técnica em audiovisual. O Mateus ficou responsável por assegurar a reserva e funcionamento dos equipamentos, devido à experiência técnica e familiaridade com os aparelhos. A Priscila ficou à frente de conduzir as entrevistas com os atores sociais. Contudo, o processo foi feito de forma colaborativa, em que todos auxiliaram em alguma parte e, principalmente, contribuíram com o adensamento das discussões em torno do tema e da realização do documentário propriamente dito.

Para a organização do projeto, elaboramos um cronograma pensando nas atividades necessárias, como entrar em contato com possíveis entrevistados, captação de imagens, construção de roteiro etc. Em relação à organização mais específica, ou seja, no período de um dia, utilizamos a estrutura de ordem do dia, que ditou as tarefas necessárias a serem executadas no período.

Em relação aos recursos, nos apoiamos substancialmente nos materiais disponíveis pelo CCA, o Departamento de Comunicações e Artes da ECA, utilizando-se de câmeras,

tripés, gravadores e iluminadores. No que diz respeito à comunicação e alcance do projeto, vamos estabelecer parcerias para a exibição em festivais, mostras e instituições interessadas. Além disso, postaremos os materiais de divulgação - posters e flyers digitais, vídeos curtos e teasers - para promover o lançamento e, por fim, exibir nas plataformas digitais.

11. PLANO DE MÍDIA E CONTRAPARTIDAS

O plano de mídia constitui um passo essencial para o potencializar o alcance do documentário, garantindo que atinja os públicos-alvo, por meio dos canais mais eficientes. Entretanto, as medidas devem ser realistas e considerar os recursos disponíveis, especialmente na criação de canais e materiais de divulgação.

11.1. Redes sociais

As redes sociais são, hoje, grandes pilares da comunicação. A presença de diferentes públicos, o potencial de engajamento e a versatilidade de formatos faz com que elas sejam os espaços mais eficientes para divulgar o documentário, sobretudo com as limitações financeiras do projeto. Contudo, cada plataforma tem suas especificidades e a linguagem dos materiais pode influenciar na sua performance:

- **Instagram:** Usado, principalmente, para a publicação de fotos e vídeos, o perfil do projeto na plataforma é essencial para a divulgação de atualizações e novidades sobre a produção, como exibições e participações em mostras e festivais. Além disso, é um importante espaço para se conectar com o público-alvo e apoiar iniciativas parecidas.
- **TikTok:** Focado na veiculação de vídeos curtos, o TikTok é uma plataforma fortemente baseada em algoritmos e que facilita a entrega de conteúdo para o público-alvo. Apesar de demandar mais tempo para a produção dos conteúdos, vale a pena por ter uma entrega mais assertiva.
- **LinkedIn:** O LinkedIn é uma plataforma fortemente conectada ao mercado de trabalho, sendo comumente utilizada por empresas, gestores e profissionais de diferentes áreas. Portanto, estar presente na plataforma e engajar esse público pode inspirar o apoio a espaços inclusivos, um dos principais objetivos do projeto.

11.2. Imprensa

Divulgar o projeto por meio dos canais de imprensa é importante para fortalecer a credibilidade e ampliar o alcance do projeto. A imprensa possui um papel estratégico na disseminação de informações de forma abrangente e confiável. Há uma variedade de veículos que podem ter interesse em divulgar o projeto, por isso, poderemos enviá-los releases de imprensa bem estruturados, garantindo que nossa comunicação seja clara, objetiva e alinhada aos interesses de ambas as partes. Institucionalmente, pretendemos divulgar o documentário no site do LABIDECOM e da ECA.

Releases de imprensa. Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1otq5LlOImkkjiNs1TWvfrESZyBYWyHl3?usp=drive_link>

11.3. Materiais de divulgação

Para a criação dos materiais de divulgação é importante levar em consideração os diferentes formatos e os canais disponíveis. Abaixo há uma relação dos materiais criados para a divulgação do filme e os canais adequados para sua veiculação:

Cartazes e Flyers: Veiculação em todos os canais. Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1qlGZuTDYrtwuBIUNXe7RLEWk_1ebqcdK?usp=drive_link>

Trailers: Veiculação nas redes sociais. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/10sQCxZsMZfynQDp0NC1apGxpS9xw5-An?usp=sharing>>

Vídeos curtos ou “cortes”: Veiculação no TikTok e Instagram. Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/10sQCxZsMZfynQDp0NC1apGxpS9xw5-An?usp=drive_link>

11.4. Clipping

A repercussão e alcance da produção serão medidos a partir dos seguintes parâmetros: Para as redes sociais, o número de visualizações e interações com o conteúdo, que inclui a quantidade de curtidas, comentários e compartilhamentos. Para os veículos de imprensa, a quantidade de matérias, notas e outros formatos de divulgação que citem o projeto.

12. RECURSOS

Para a realização da produção midiática, o apoio do Departamento de Comunicações e Artes (CCA) foi essencial, especialmente no empréstimo dos equipamentos audiovisuais utilizados na captação como: câmeras fotográficas, gravador de som, tripés e kit de luz. Após a conclusão do projeto, o CCA poderia auxiliar na divulgação do documentário, dispondo-se de canais digitais como redes sociais e site, assim como um aval institucional para o envio de releases de imprensa para veículos relevantes.

13. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA (ANCINE). **Instrução Normativa nº 23, de 28 de janeiro de 2004.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 jan. 2004. Disponível em: <https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/node/5016>. Acesso em: 8 fev. 2025.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 4, p. 1141-1149, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SBvq6LKYBTWNR8TLNsFdKkj/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

AS BICAMPEÃS. Produção de Hunter Filmes. Direção de Eduardo Hunter. 2024. Participação de Fabi Alvim, Fabiana Claudino, Jaqueline Carvalho, Paula Pequeno, Sheilla Castro, Thaís Daher. SPORTV, 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/bicampeas/>. Acesso em: 25 jan. 2025

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS e TRANSEXUAIS. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais.** Curitiba, 2016. Disponível em: <https://abglt.org.br/wp-content/uploads/2020/05/IAE-Brasil.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **História.** Disponível em: <https://antrabrasil.org/historia/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

AUTRAN, Artur. **"Montagem no Cinema Brasileiro (1919-1989)". In: Catálogo Mostra. A montagem no cinema.** CCBB, 2006. pp. 7-17.

BENEVIDES, B. G. **Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024.** ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). 2025. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2025.

BENEVIDES, B. G. **Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023.** ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTITIS E TRANSEXUAIS (ANTRA) 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2020.** ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTITIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). **IOC Framework on fairness, inclusion and non-discrimination on the basis of gender identity and sex variations.** 16 nov. 2021. Disponível em: <https://www.olympics.com/ioc/news/ioc-releases-framework-on-fairness-inclusion-and-non-discrimination-on-the-basis-of-gender-identity-and-sex-variations>. Acesso em: 25 jan. 2025.

FÍGARO, Roseli; VIANA, Claudemir Edson; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. A formação do educador: desafios de uma nova profissão no contexto das transformações do mundo do trabalho. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 2, p. 26–37, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p26-37. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/165130>. Acesso em: 5 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** 45º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Ebook.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 71º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

HAAS, A.P.; RODGERS, P.L.; HERMAN, J.L. **Suicide attempts among transgender and gender non-conforming adults: findings of the national transgender discrimination survey.** Los Angeles: The Williams Institute/American Foundation for Suicide Prevention; jan. 2014. Disponível em: <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/wp-content/uploads/Trans-GNC-Suicide-Attempts-Jan-2014.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Em 2023, expectativa de vida chega aos 76,4 anos e supera patamar pré-pandemia.** Agência de Notícias IBGE, 01 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41984-em-2023-expectativa-de-vida-chega-aos-76-4-anos-e-supera-patamar-pre-pandemia>. Acesso em: 4 fev. 2025.

KAPLÚN, Mario. **El Comunicador Popular.** Ecuador: Editorial Belem, 1985.

LUZ da Noite. Direção: Jal Vieira. 2017. Participação: Leyllah Diva Black. Produção da ETEC Jornalista Roberto Marinho.

MCKEE, Robert. **"Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro."** Curitiba: Arte & Letra. 2006.

MELO, I. R.; Amorim, T. H.; Garcia, R. B.; Polejack, L.; Seidl, E. M. F. O Direito à Saúde da População LGBT: Desafios Contemporâneos no Contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Psicologia E Saúde**, v.12, n.3, 63–78, 8 fev. 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.vi.1047>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MONTEIRO, Dhiego. **Como é o acesso à saúde pública para pessoas trans no Brasil?**. Invivo, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/saude/saude-publica-para-pessoas-trans/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M.; BARBOSA, R. M. **Saúde e direitos da população trans**. Cadernos de Saúde Pública, v. 35, n. 4, e00047119, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/4zwYRtVyMvVkhTKBhWbnTKz/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MUNGIOLI, M. C. P.; VIANA, C.; RAMOS, D. O. Uma formação inovadora na interface comunicação e comunicação: aspectos da Licenciatura em Educomunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. **REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN**, v. 14, p. 218-228, 2017.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais**. Notícias - Nações Unidas Brasil. 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transexualidade-da-lista-de-doenças-mentais>. Acesso em: 9 mar. 2025.

NASCIMENTO, Letícia C. P. do. **Transfeminismos: feminismos plurais**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Silvana de Souza; BRITO, Luz Gonçalves. **Transfeminine Bodies: Survival and Resilience Experiences in Brazil**. In: *Transgender Health: Advances and New Perspectives*. 2022. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2022/03/SilvanaNascimentoLuzGoncalves-Transfeminine-Bodies.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Plano de ação global para a atividade física 2018-2030: Mais pessoas ativas para um mundo mais saudável.** Genebra: World Health Organization (WHO, 2018). Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/272721/WHO-NMH-PND-18.5-por.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

PODESTÁ, Lucas Lima de. Ensaio sobre o conceito de transfobia. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 11, p. 363-380, mai./out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/download/27873/19974/123426>. Acesso em: 9 mar. 2025.

POSTALI,, Thífani. A importância do encontro prévio para a produção de documentários de cunho social. **Revista Digital de Cinema Documentário**, Doc on-line, n. 36, p. 169-181, set. 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9772487.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

RODOVALHO, Amara Moira. O Cis pelo Trans. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365 - 373, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Ct6B9JMscBjgK4DZgjXQkgn/?lang=pt#>. Acesso em: 3 mar. 2025.

ROSABONI, Camilly. **Discriminação na saúde torna pessoas trans suscetíveis a estratégias informais de cuidado.** Jornal da USP. 10 mar. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/discriminacao-na-saude-torna-pessoas-trans-suscetiveis-a-estrategias-informais-de-cuidado>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SILVA, G. W. S.; MEIRA, K. C.; AZEVEDO, D.M.; SENA, R.C.F.; LINS, S.L.F.; DANTAS, E.S.O./ MIRANDA, F.A.N. **Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidas por organizações não governamentais.** Cien Saude Colet. jan. 2020. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-a-ideacao-suicida-entre-traves>

tis-e-transexuais-assistidas-por-organizacoes-nao-governamentais/17489?id=1748. Acesso em: 8 fev. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 19, p. 12–24, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** 2004. Disponível em: <https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 1, p. 7–24, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v23i1p7-24. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/144832>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SOUZA, Cristiane P. de. **Travestis e Transexuais no Brasil: Memórias de Luta e Resistência**. Quaderns de Psicologia. Vol. 25 Núm. 1. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1599>. Acesso em: 4 fev. 2025.

TAKE Away Shows. Produção: La Blogothèque, Vincent Moon, Christophe Abric. 2006. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLhRxt0PzmnsOGXbZqo07Cw_ZgcZ52wHbM. Acesso em: 4 fev. 2025.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. 1ª edição. São Paulo, Martins Fontes. 1990.

TREVISAN, João Silvério (1986). **Devassos no Paraíso. A Homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Max Limonad.

14. ANEXOS

14.1. ANEXO 1 - Diário de Bordo

A realização do projeto “Do outro lado da rede: O esporte como instrumento de inclusão” passou por várias etapas, mudanças e discussões até sua conclusão. Este diário de bordo tem o objetivo de expôr o processo, trazendo a visão do grupo quanto aos desafios enfrentados e decisões tomadas.

No projeto original, entregue à orientadora Profª. Drª. Maria Cristina Mungioli em agosto de 2024, o curta-documentário a ser produzido seria sobre o time Angels Volley. O objetivo era mostrar a importância de espaços inclusivos de esporte e lazer, mas com uma visão menos particular como vemos na versão atual. O time Angels Volley é um coletivo esportivo que acolhe mulheres trans e travestis no vôlei, com mais de 40 integrantes de várias idades. Portanto, a ideia era entrevistar várias das integrantes e os administradores do coletivo para ter uma dimensão da importância desse espaço para essas pessoas.

Ao entrarmos em contato com o time, a ideia foi muito bem recebida e ficamos extremamente felizes com as possibilidades. Apesar disso, algumas burocracias precisavam ser realizadas, especialmente as que se referem aos direitos de imagem e à veiculação do curta em outras plataformas. Por isso, o departamento jurídico do time foi envolvido, mas o processo acabou acarretando em um atraso na realização das gravações e na impossibilidade de seguir com a ideia original.

Antes disso, contudo, estávamos seguindo o projeto e, em setembro, construímos o primeiro cronograma, que contempla um agrupamento de atividades, vide a tabela abaixo:

Setembro	Visitas técnicas aos locais de gravação
	Elaboração do questionário
	Conversa e seleção das entrevistadas
Outubro	Visitas técnicas aos demais locais de gravação
	Captação de recursos
	Gravação da entrevista piloto
Novembro	Gravação de material de cobertura
	Gravação das entrevistas

	Elaboração do roteiro baseado nos materiais captados
Dezembro	Edição e Montagem

Porém, devido à demora de uma resposta oficial por parte do time, tivemos que postergar o início de parte do cronograma. Demos início à construção do questionário, que não precisava do aval do time, e esperamos a resposta do coletivo. Ao final de setembro, o representante do coletivo nos mandou as informações que precisavam para elaborar um contrato com as condições de produção e veiculação da produção midiática. Dentre as informações necessárias estava o nome de todos os vinculados e um termo dizendo que o documentário seria para uso no espaço universitário.

Junto com a Profa. Mungioli providenciamos essas informações e tivemos uma resposta do advogado do time somente na segunda semana de outubro. Recebemos um “Contrato de Cooperação Técnica” que, entre as cláusulas, discriminava o uso apenas em ambiente universitário e vetava a veiculação em plataformas de streaming gratuitas ou pagas sem a autorização prévia do time.

Depois de ponderarmos as condições, o grupo entendeu que não fazia sentido ter essas limitações, uma vez que a ideia da produção é ser usada para fins educativos e para a conscientização social e, portanto, o uso livre é essencial para isso. Dessa forma, decidimos mudar o foco da produção e, ao invés de ter o time como objeto principal, nosso olhar recairia nas histórias de pessoas trans que foram impactadas pela prática do esporte.

Apesar de termos mudado sutilmente o foco do trabalho, muito da pesquisa realizada e do que foi construído até esse ponto pôde ser aproveitado, como o questionário, sendo necessárias apenas algumas adequações. A estrutura do documentário seguiria histórias de 3 pessoas trans que jogam vôlei em níveis diferentes, no circuito universitário, no semi-profissional e no profissional. Uma vez que definimos essa nova ideia, já seguimos para o contato e seleção das entrevistadas.

O Willy, dono do Angels Volley, foi de grande ajuda nessa parte pois tinha contato com várias e vários atletas transexuais e gentilmente nos repassou seus contatos. Além disso, nos indicou a participar do “Festival Esporte e Trabalho - 1ª Edição” apresentado pelas organizações Amalgamar e Nix Diversidade.

O evento, que aconteceu no dia 19/10, teria um treino aberto com as atletas do Angels Volley e seria uma ótima oportunidade para conhecer potenciais entrevistadas.

Entretanto, no dia do evento o Andrew, um dos integrantes do grupo, ficou impossibilitado de participar por conta de uma grave infecção que o deixou no hospital por vários dias.

Nesse meio tempo, fomos entrando em contato com as potenciais entrevistadas de forma virtual. O Andrew já tinha contato com o circuito universitário de vôlei dentro da Universidade de São Paulo por fazer parte do time da Escola de Comunicações e Artes, o Pholley. Por conta dos campeonatos e trocas com outros times, ele tinha uma amizade com a Sheilinha (ou Leozinho), uma pessoa trans não-binária que joga no time da Faculdade de Veterinária da USP. Ao entrarmos em contato com ela, fomos recebidos com muita energia e um grande “sim” para fazer parte do projeto.

A outra pessoa com quem entramos em contato, dessa vez do circuito semi-profissional de vôlei, foi a Mikaella Reis, travesti e integrante do Angels Volley. Apesar de não ter dado certo a realização da ideia original, o próprio dono do time nos passou o contato dela. Ela também gostou muito da ideia e se mostrou super disposta a nos ajudar com o que fosse necessário para a realização.

Respeitando o tempo de recuperação do Andrew, demos seguimento ao projeto a partir do final de outubro, quando fomos falar presencialmente com a Sheilinha para apresentar o projeto com mais profundidade. Esse encontro foi uma necessidade que o grupo sentiu de conhecer melhor os atores sociais que fariam parte do filme:

O encontro prévio é apresentado como uma chave fundamental para a produção de filmes que abordam questões sociais. Nesse sentido, o primeiro contato com os atores sociais deve ser livre dos aparelhos técnicos para que se estabeleça uma relação genuína e de confiança entre documentaristas e atores sociais. Nele, o realizador deve esclarecer aos atores sociais sua intenção com o filme e a importância deles como vozes da experiência, como indivíduos que possuem discursos, muitas vezes, divergentes dos apresentados pelo documentarista ou outras esferas sociais e que, portanto, são perspectivas fundamentais para o documentário e para a compreensão da vida em sociedade. (Postali, 2024, p. 181)

Dessa forma, o encontro foi essencial para entendermos quem a Sheilinha é, o que ela faz, o que o esporte significa para ela e como sua transgeridez se relaciona com ser atleta, tópicos essenciais para a gravação da entrevista. Além disso, a conversa foi feita no Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP), onde os atletas da universidade treinam e um dos locais de interesse para a realização das gravações. Portanto, aproveitamos para

fazer uma inspeção técnica do local e elencar possíveis cenários para a gravação das entrevistas.

A visita técnica ao CEPEUSP foi muito satisfatória, contudo, a quantidade de pessoas transitando pelo local foi um ponto de preocupação quando levamos em consideração a qualidade da imagem, som e ocupação dos espaços. Esses foram alguns dos parâmetros que tivemos que considerar para o agendamento do espaço, com o objetivo de fazer a captação das imagens com a melhor qualidade técnica possível.

Então, iniciamos o mês de novembro entrando em contato com a administração do Centro com o intuito de entender o processo de agendamento dos espaços e a disponibilidade nas semanas seguintes.

Também no início de novembro, a atleta do circuito profissional que contatamos, a Tiffany Abreu, não nos deu uma resposta positiva. De acordo com a sua assessoria, ela não poderia dar entrevistas ou depoimentos para outros documentários por conta de compromissos contratuais com uma produtora. Vale dizer que ela é a primeira e uma das únicas mulheres transexuais do país no circuito profissional de vôlei, e apesar de procurarmos uma substituta não seria viável. Também, consideramos incluir atletas profissionais de outros esportes, mas acreditamos não fazer sentido com a proposta do trabalho, uma vez que o vôlei é especialmente significativo para a comunidade LGBTQIA+.

Apesar dessa impossibilidade, o grupo realmente acreditava no poder dessas pessoas narrando suas histórias, portanto decidimos seguir adiante com as duas já confirmadas, a Sheilinha e a Mikaela. Nesse contexto, marcamos a entrevista com a Sheilinha para o dia primeiro de dezembro, aproveitando que ela iria participar de uma partida no CEPEUSP, então poderíamos captar imagens de cobertura dela jogando, se relacionando com o time e mostrando a dinâmica do esporte universitário. Dessa forma, com a data da gravação confirmada, começamos a providenciar as autorizações e aparato necessário para a realização.

Entramos em contato com o Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisas em Educomunicação (LABIDECOM) – espaço que, entre outras coisas, apoia os estudantes da Licenciatura em Educomunicação da USP com equipamentos e gravações – para fazer a reserva do equipamento necessário. Com o apoio do laboratório, reservamos, gratuitamente:

- 1 câmera fotográfica Canon T6i
- 1 câmera fotográfica Canon T5i

- 2 tripés
- 1 kit de iluminação
- 1 gravador de som

Ao fazer alguns testes com o equipamento, não ficamos completamente satisfeitos com a captação de áudio, por isso decidimos alugar uma lapela sem fio para complementar, uma vez que ter um boa qualidade de som é extremamente importante para o filme. Além dos equipamentos, entramos em contato com a administração do CEPEUSP para conseguir a autorização de gravação nas dependências do local.

Então, começamos dezembro com a captação da entrevista da Sheilinha. Fizemos uma adaptação do questionário original e criamos perguntas específicas para o contexto dela. Antes da entrevista, fizemos a captação de imagens dela jogando e interagindo com o time:

Figura 1 - Sheilinha interagindo com o time.



Depois disso, fomos para a entrevista. Nos esforçamos muito para fazer as perguntas parecerem uma conversa e não um interrogatório para, assim, deixarmos nossa entrevistada mais confortável e genuína na câmera. O encontro prévio ajudou muito nisso, uma vez que já nos conhecíamos.

Na segunda semana de dezembro, marcamos um encontro prévio com a Mikaella, como fizemos com a Sheilinha. Na conversa apresentamos melhor o objetivo do trabalho e ela contou um pouco de sua história. O grupo ficou encantado com a força da história dela,

que passa por momentos parecidos com aquelas de muitas pessoas queer, como a rejeição de sua identidade no seio familiar, e outros muito diferentes e mais extremos, como ter que vender seu corpo para poder sobreviver.

Além de ter uma carga emocional muito grande, sua história era exatamente o que estávamos procurando, no que diz respeito ao poder do esporte na transformação de indivíduos. Ela nos contou que o vôlei se tornou uma parte essencial da vida dela, especialmente por ser um espaço onde ela poderia descarregar os impactos que seu trabalho como profissional do sexo acarretava em seu psicológico. Além de trazer oportunidades profissionais que a possibilitaram encontrar um emprego formal e muitas outras conquistas.

Quando concluímos essa conversa, percebemos que essa é a história que queríamos contar e que, para fazer jus à ela, talvez tivéssemos que deixar de lado uma parte do material já captado, como a entrevista da Sheilinha. Também começamos a considerar transformar a ideia em um projeto seriado, com a história de diferentes pessoas trans e como suas vidas foram transformadas pelo esporte.

Na mesma reunião, marcamos a gravação da entrevista com a Mikaella para o dia 16 de dezembro. A data foi muito conveniente para o grupo pois, por ser final de semestre, o CEPEUSP estava com a agenda vazia, então pudemos reservar o espaço que queríamos e tivemos todo o suporte dos funcionários na montagem de um cenário coerente e que trouxesse elementos do vôlei, como a quadra e a rede. Passamos pelo mesmo processo da gravação com a Sheilinha, no qual adaptamos o questionário para as especificidades da entrevistada, fizemos a reserva dos equipamentos no LABIDECOM e alugamos o microfone sem fio.

O processo de gravação foi muito proveitoso, divertido e emocionante, especialmente pela irreverência da Mikaella, acreditamos que, por estar confortável conosco e sua sinceridade em compartilhar sua trajetória (Figura 2).

Figura 2 - Plano semiaberto da entrevista com a Mikaella



Como adiantamos anteriormente, sua história é marcada pela rejeição de seus pais e pela luta por sobrevivência nas ruas de São Paulo, mas, também, pela superação e tornar-se uma inspiração para outras pessoas. Hoje, a Mikaela é assessora da presidência do Casarão Brasil. Então, saímos dessa gravação ainda mais inspirados em criar uma produção que faça jus à ela.

Nesse sentido, começamos a pensar em qual a melhor forma de mostrar essa narrativa visualmente. Decidimos fazer um acompanhamento de seu dia a dia, em casa, no trabalho e no treino de vôlei. Assim, conseguiríamos mostrar um pouco de sua rotina, o impacto do trabalho que ela desenvolve hoje e a dinâmica com suas companheiras de time. Entretanto, como já estávamos no final do ano, começaram os recessos e aumentou a dificuldade para fazer a reserva/aluguel de equipamento, portanto deixamos para completar essa parte em janeiro.

No final de dezembro e começo de janeiro, organizamos os materiais captados e começamos o processo de decupagem, ou seja, categorizar a gravação em diferentes temas. O conteúdo que já tínhamos, ou seja, a história da Mikaela, foi mais do que suficiente para construir o roteiro inicial do documentário, fazendo com que tivéssemos mais clareza para pensar quais imagens de cobertura nós precisávamos para potencializar a narrativa.

Então, assim que o período de recesso acabou, entramos em contato com a Mikaela para capturar mais material. Decidimos gravar sua participação em um treino do Angels Volley e um dia de trabalho no Casarão Brasil.

No dia 27 de janeiro, fomos até o Esporte Clube Vila Mariana, espaço no qual as integrantes do time realizam os treinamentos. A Mikaela demorou um pouco para chegar,

mas as meninas que já estavam lá foram muito receptivas com a gente e se dispuseram a ajudar com o que precisássemos para a captação das imagens.

Desde que chegamos, pudemos sentir que era um espaço de muita alegria e amizade. Logo começamos a captar imagens das meninas fazendo movimentos fundamentais do vôlei, como manchete, defesa, ataque e saque. Também, captamos imagens que demonstravam a atmosfera de companheirismo delas, como brincadeiras, cumprimentos, danças etc. Quando a Mikaella chegou, tínhamos bastante material das outras meninas, por isso, pudemos focar as lentes da câmera nela. Ou seja, voltamos nossa atenção na relação dela com o time, capturando momentos de interação dela com as outras integrantes, além de imagens dela de fato praticando o esporte.

Figura 3 - Mikaella concentrada na quadra de vôlei



Ao concluir a necessidade das imagens que traziam o espaço do time, acompanhamos a Mikaella no trabalho dela no dia 29 de janeiro. Esse acompanhamento foi particularmente especial, pois era o “Dia da Visibilidade Trans e Travesti” e o Casarão Brasil, onde a Mikaella trabalha, estava realizando um evento de comemoração. O Casarão Brasil faz parte do Programa Transcidadania, uma das principais iniciativas públicas de inclusão trans no Brasil, criado pela Prefeitura de São Paulo. O programa oferece bolsas de um salário mínimo para que pessoas trans possam retomar seus estudos e se qualificar profissionalmente.

Apesar do dia chuvoso, a data reuniu cerca de 80 pessoas e contou com uma campanha de prevenção ao HIV, a distribuição de um calendário temático, um lanche da tarde e um discurso especial da Mikaela. Além de ser essencial para captar as imagens da Mikaela no espaço profissional, foi muito importante para o grupo participar do evento pois pudemos perceber a importância da Mikaela como uma referência para os beneficiários do programa.

Figura 4 - Mikaela discursando sobre a importância do Dia da Visibilidade Trans



Os dois dias de gravação acompanhando Mikaela foram uma jornada muito produtiva e que rendeu muito material para incluir no curta-metragem. Então, no final de janeiro, concluímos o primeiro corte da produção. Logo, junto com a orientadora, definimos a data de apresentação para a banca avaliadora do projeto para o dia 13 de fevereiro.

O mês de fevereiro foi dedicado à criação de uma identidade visual para o documentário, e finalizar os materiais de divulgação como cartazes, trailers e cortes. Também nesse período, o grupo, de forma colaborativa, desenvolveu o memorial descritivo, do qual esse Diário de Bordo faz parte.

14.2. ANEXO 2 - Roteiro

INTRODUÇÃO

ASSINATURA: Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo

Lettering
"Apresenta"
"Do Outro Lado da Rede"

Ambiente urbano. O movimento da metrópole é mostrado a partir das pessoas andando apressadas, os vagões do metrô, os ônibus e carros, o movimento diminui conforme vemos esquinas escuras e vazias. Mostra uma primeira visão da MIKAELLA dirigindo.

MIKAELLA (V.O.)

"Não é fácil. Não vou romantizar. Faz quem quer. E está tudo bem. Mas as pessoas quando têm essa forma de...
Esse trabalho como sua única forma de subsistência.
Porque não tem outras oportunidades que se abrem. Eu sou contra"

"Quando a gente é mais nova a gente fala assim. Nossa, quero ganhar dinheiro. E realmente eu ganhei dinheiro. Eu realmente consegui ajudar algumas pessoas da minha família. Eu realmente consegui conquistar bens materiais"

"Demandou de levar a minha juventude. E o meu psicológico."

"A gente não sabe quem vem pela noite. Então você sempre fica em uma... Apreensiva."

O SOM DE RUA COMEÇA A SE CONFUNDIR COM SONS DE UM JOGO DE VÔLEI

Imagens de uma partida de vôlei, movimentos corporais, MIKAELLA se paramentando para entrar em quadra, jogando e brincando dentro da quadra de vôlei. MIKAELLA cumprimenta e

conversa com outras meninas que estão jogando, se abraçam, comemoram. Vemos a relação do time.

MIKAELLA (V.O.)

"Dante de todas essas violências. Que surgem na rua. E de todas essas violências que eu passei. O esporte entrou para mim. Como uma válvula de escape."

"E lá no esporte. Eu encontrei outras meninas iguais a mim. Inclusive nessa época. Nós éramos noventa por cento. Profissionais do sexo. Que trabalhava com prostituição. E que queriam lazer também. Porque nossos corpos. Ainda são muito negados nesses espaços."

2 - FAMÍLIA E MUDANÇA

Imagen de entrevista. Plano médio (cintura para cima).

MIKAELLA

"Meu nome é Mikaela Reis. Tenho 34 anos."

Lettering

"Mikaela Reis"

Imagenes do time jogando, treinando e se relacionando.

MIKAELLA (V.O.)

"Eu vim de Belém do Pará há alguns anos atrás em busca de novas perspectivas."

Mikaela no dia-a-dia, se relacionando com pessoas no âmbito profissional.

MIKAELLA (V.O.)

"Porque a minha família não aceitava que eu tivesse feito essa transição"

"Eu já me travestia desde os 16, 15 para 16. E quando eu assumi a transexualidade, já foi por uns 20 anos, e aí não aceitaram."

"Principalmente, porque se aqui em São Paulo era difícil esses tipos de tema, existia muito tabu, imagina naquela região, Norte e Nordeste".

Imagen de entrevista. Plano médio (cintura para cima).

MIKAELLA

"Cheguei aqui. E aí eu procurei novas perspectivas de vida, emprego, e não consegui isso. Acabei caindo na prostituição onde sobrevivi por 10 anos."

Imagenes de rua, trânsito.

MIKAELLA (V.O.)

"Eu consegui sobreviver nessa selva de pedra sozinha com pulso mesmo, mas foi tudo muito difícil."

Imagenes de entrevista. Alterna entre plano médio (cintura para cima) e plano fechado (rosto).

MIKAELLA

"E hoje em dia eu tenho respeito deles. Hoje em dia, por exemplo, esse ano, a virada de ano de 2024 e o Natal de 2023, faziam dez anos, dez, onze anos que eu não passava com a minha família. Eu fui passar com eles."

"Me trataram super bem, porque agora também tenho emprego formal, então acho que isso também muda muita coisa"

Alternar entre imagens de rua e imagens da MIKAELLA.

MIKAELLA (V.O.)

"Ainda costumo dizer que eu tenho alguns resquícios, do que mexeu na minha cabeça. Antigamente o meu mundo era só aquele ali na rua."

Altera entre imagens de entrevista, imagens de rua escura com carros e imagens da MIKAELLA.

MIKAELLA

"Já me jogaram xixi, já me jogaram fralda descartável com fezes, já me jogaram ovo do nada. Eu e minhas amigas. Fora assalto etc. Já entrei em carros que era para ser programa e no final das contas era assalto. E aí eu fui agredida também por isso. Já fui estuprada duas vezes na rua"

"Como eu já sofri muita violência na rua, eu sempre fui muito: Não fala isso pra mim desse jeito, senão eu já viro agressiva."

"Então, antigamente meu mundo era só ali na rua. Eu não costumava ir para shopping, hoje já vou para o shopping. Eu não ia sozinha assistir um filme, imagina... Hoje já vou para o cinema sozinha. Eu tenho a minha condição de pagar. Mas mesmo quando eu tinha dinheiro eu não ia, porque eu tinha receio de que alguém vai me olhar torto, e eu vou acabar me estressando, vou querer quebrar tudo. Porque era assim que se resolvia antes."

Imagens da MIKAELLA conversando com o dono do time e se envolvendo com o time.

MIKAELLA (V.O.)

"E aí o dono do time, inclusive, percebeu que eu conseguia falar bem, que eu tinha boa articulação, e começou a me botar pra ser a porta voz do time com o tempo"

"Porque, a princípio, eu não respeitava muito as regras. Inclusive cheguei num episódio de que a gente discutiu, eu puxava uma faca pra ele, você não manda em mim. Eu tinha minha liberdade."

"Depois a gente conversou de boa, eu pedi desculpa para ele. Ele falou assim: Olha. Eu acho que você tem muito

potencial de muita coisa. E realmente foi através do time que eu comecei a ter um pouco mais de me desinibir mais e comecei a poder falar sobre as pessoas trans no esporte etc. Falar sobre o time.”

MIKAELLA apresentando algumas das integrantes do time:

MIKAELLA

“Essa é a Thais Tavares, minha amiga aqui do Angels.”

“Essa aqui é a Diana, ela veio do meu estado, do Pará.”

DIANA

“Eu fui a primeira trans que ela viu na vida. Eu acho que eu tinha uns 32 anos, tenho 40, vou fazer 41.”

Imagens da Mikaela se relacionando com as integrantes do time. Imagens das integrantes treinando e jogando uma partida de vôlei.

MIKAELLA (V.O.)

“Eu entrei em 2019, final de 2019. Então, em 2020 veio a pandemia e aí a gente teve que se fortalecer, porque a maioria das meninas ali faziam programa. Muitos clientes nossos foram demitidos durante a pandemia. Muitos lugares fecharam. Quando o Dória, o governador do Estado, pediu para ‘fechem as portas’ a partir das 10 horas da noite, para quem foi esse fique em casa?”

MIKAELLA

“Porque eu era profissional do sexo, geralmente o programa é de noite, a polícia chegava jogando gás de pimenta na gente, spray de pimenta...”

MIKAELLA (V.O.)

“Acabei desenvolvendo transtorno psicológico, tive crises de ansiedade, eu fui parar no pronto-socorro, eu peguei Covid”

MIKAELLA explicando a dinâmica do time.

MIKAELLA

“Todo mundo joga, assim, bastante. Porque esse aqui já é o time que compete. É o grupo das meninas que competem em alguns campeonatos por aí. Algumas das meninas daqui jogam também em alguns times femininos que, geralmente, os campeonatos estão liberando uma trans, duas, por equipe.”

MIKAELLA (V.O.)

“E aí o coletivo foi muito importante, porque o Willy conseguiu ir atrás de, por exemplo, ONGs e instituições que pudessem fornecer cesta básica para a gente, kits de higiene...”

“Às vezes, eu ia buscar junto com ele em São Bernardo. Olha, uma ONG do vereador, deputado de não sei de onde, lá em São Bernardo, doou. Eu pegava meu carro, ia com ele e a gente trazia 30 cestas básicas dentro do carro para distribuir para as meninas do time.”

“Esse coletivo esportivo que eu faço parte, me abriu a porta da seguinte maneira: sobre me lapidar, eu comecei a ficar mais calma, porque eu já comecei a ter acesso a outras questões. Eu comecei a ter conhecimento de outras meninas, conhecer outros espaços.”

Imagens da Mikaella falando no microfone e interagindo com pessoas no âmbito profissional.

MIKAELLA (V.O.)

“quando eu dou letramentos para pessoas e multinacionais, que eu falo sobre o que é ser LGBTQIAPN+ e principalmente sobre a especificidade da saúde da pessoa trans, foi justamente porque, lá atrás, no projeto que eu conheci uma pessoa dentro do esporte, o dono do projeto, que começou a investir nesse lado para mim.”

“Trabalhando agora pela ONG, o Casarão Brasil, eu comecei a ter uma visibilidade maior, porque é uma ONG que já administra alguns equipamentos públicos voltados para a população LGBT aqui em São Paulo.”

“Eu nunca imaginei estar nesses espaços. Para mim, eu pensava que só era prostituição, que eu não ia chegar nem nos 30 anos. E hoje estar sendo reconhecida enquanto profissional da área da saúde, que eu tenho um conhecimento teórico dos artigos que tem na Scielo, mas eu acho que eu carrego também comigo a marca do conhecimento empírico, da vivência.”

Imagen e som se aproximando do discurso da MIKAELLA no espaço do Casarão Brasil.

MIKAELLA

“Eu fico muito agradecida por todo mundo que ficou aqui agora me ouvindo e dizer que, embora seja difícil, que a gente consiga perseverar, ter força diante de todas as adversidades que vão vir. Porque travesti, ela é formada de luta e ela é forjada pela resistência. Obrigada.”

Imagen de entrevista de Ester Cantanhede. Alternada com imagens do público do Casarão Brasil.

ESTER

“Aqui é um dos melhores lugares para transexuais e travestis, sabe? Aliás, aqui é um lugar de acolhimento, cara. É um lugar de acolhimento, porque a maioria das meninas que estão aqui estavam na ponte, né?... São pessoas que- É, na ponte, embaixo da ponte, na cracolândia ou em outros bilhões de lugares que a sociedade sórdida não quer a gente, lugares de rato. Então, aqui é um lugar disso, acolhimento, aí todo mundo faz amizade com todo mundo. Aí tem pessoas que são bis e começam a se respeitar e tem pessoas que são- de- vêm do crime. Gente, aqui é um lugar que pega todo mundo, sabe? Então, é um lugar que nunca pode se acabar, pelo contrário tem que sempre se renovar. Porque é uma safra né, mãe?

MÁRCIO

"Sim."

ESTER

"É a minha mãe!"

MATEUS - ENTREVISTADOR

"Vocês estão juntas aqui."

ESTER

"Sim! Márcio. Eu sou travesti e minha mãe é um homem trans."

MATEUS - ENTREVISTADOR

"Olha."

ESTER

"É! De sangue, né mãe? Te amo."

MÁRCIO

"Também te amo."

ESTER

" [risos] Obrigada. E é isso, aqui é isso, família."

MATEUS - ENTREVISTADOR

"Família."

Imagens do público no Casarão Brasil.

MIKAEILLA

"Ai, o corpo trans é muito pesado, são muitos silicones."

Mikaella dirigindo um carro pela rua.

MIKAEILLA

"Eai, querida!"

PRISCILA - ENTREVISTADORA

"Você conhece? [risos]"

MIKAEILLA

"Conheço, é a Mariazinha, é a filha do vizinho."

Mikaella continua dirigindo o carro e conta um pouco mais sobre o Casarão Brasil.

"É um centro que- a valorização de todo o movimento, né. Acho que, estando minha figura presente ali, vocês viram hoje, a questão dessa representatividade para uma pessoa num espaço meio que de liderança, também enquanto travesti. Para elas hoje vocês viram o quanto elas gostam de ter essa referência, né. Porque, eu já vim da prostituição, eu já trabalhei com o corpo, eu vivi anos da minha vida vivendo com o corpo, é importante elas saberem que, para além da prostituição, existem outras saídas."

Mikaella cumprimenta Luísa Raquel, uma das beneficiárias do centro.

LUÍSA

"Feliz dia da visibilidade trans, força e resistência."

Imagens do time do Angels Volley treinando em quadra.

MIKAEILLA (V.O.)

"Hoje o vôlei é meu lazer, continua sendo meu lazer, não estou mais jogando tanto de forma regular como eu gostaria, mas ainda é minha válvula de escape, gosto de participar das competições. O time, para mim, continua sendo uma inspiração. Quando eu ouço de algumas meninas, hoje por exemplo... para ver como muda as coisas, muitas meninas hoje em dia estão fazendo faculdade, curso técnico, estão empregadas. Algumas conseguiram nesse percurso, conseguiu ter o seu primeiro emprego formal através do time, conseguiu faculdade, bolsa de faculdade através do time. Então, mudou muita coisa. Para mim, acho que o time foi não somente a válvula de escape para muitas, como também o ponto de partida para várias ou de recomeço para algumas também."

Imagens do time alternadas com imagens da entrevista da Mikaela.

MIKAEELA

“Talvez, se eu não tivesse tido esse acesso aqui em São Paulo, eu estaria ainda perdida numa esquina. Eu digo perdida porque sei que tem muitas meninas também tão boas quanto eu, que às vezes precisam só de uma oportunidade para mudar a vida.”

MIKAEELA (V.O.)

“Acham que é fácil e também não é, a gente encontra algumas barreiras. Por exemplo, nem todas as meninas têm suporte financeiro para poder fazer a transição de forma segura. E de uma forma, mais por conta de questão financeira, de usar os melhores hormônios etc, então depende do SUS e às vezes no SUS está faltando e aí, consequentemente, ela vai não vai fazer o tratamento de forma mais correta e aí chega na hora de fazer o exame não bate ou a quantidade que eles querem. Ou, por exemplo, a outra dificuldade que a gente tinha era essa questão também do nome social e gênero. Na época que fiz a retificação, eu sendo da capital do Pará, saiu mais de R\$ 3000. Então, não é todo mundo que vai desembolsar esse valor, né?”

MIKAEELA

“Ainda tem competição aqui em São Paulo que não permite mulher trans e travesti jogar. E tem umas competições amadoras que querem exigir as mesmas documentações, por exemplo, de uma competição internacional, o que o COI pede de tudo para jogar uma Superliga.”

“Ainda tem essa dificuldade, infelizmente, porque dizem que a gente tem mais nível, mais força, mais agilidade etc. Mas, é comprovado cientificamente que as mulheres trans que fazem o tratamento hormonal de forma segura e de forma acompanhada com o médico têm muitas desvantagens, inclusive, né.”

"Por exemplo, eu jogo, eu jamais vou ser do nível técnico profissional. Tenho muitos impeditivos para que eu não consiga alcançar isso. Mas o meu corpo presente nesses espaços abre porta para outras meninas que, de repente, possam vir a ter essa qualidade técnica e ter essa oportunidade de, de repente, sonhar em ser uma profissional do esporte."

"Por isso que eu gosto de me fazer presente nesses espaços. Não porque eu sou boa, porque eu jogo alguma coisa, porque eu não faço isso. É por o meu corpo ser um corpo político dentro da quadra de vôlei. É marcar a minha presença de que é uma pessoa trans e transformar aquilo com mais naturalidade e normalidade. Para que meninas que venham ter essa oportunidade de estar adentrando num espaço desse, seja menos dificultoso para ela. Que os olheiros olhem para ela e falem 'Nossa, vamos investir nela que ela pode ajudar a auxiliar um time'"

Imagen e som se aproximando do discurso da MIKAELLA no espaço do Casarão Brasil.

MIKAELLA

"Então, é importante a gente enaltecer essa data nossa, esse Dia da Visibilidade e saber que nós fomos protagonistas de muitas lutas que, hoje, a população LGBT usufrui dos direitos. Se hoje a gente vê, porque o gay afeminado usa e pode entrar nos ambientes e dar pinta, foi porque uma travesti esteve com o seu corpo presente e político em uma esquina."

"Então, é importante a gente sempre lembrar das nossas ancestrais que passaram e lutaram pela gente. Eu sei que isso aqui também foi um fruto de uma luta de um coletivo LGBT sim, mas também teve lideranças travestis..."

Imagens da Mikaela e público no Casarão Brasil. Alternadas com imagens de entrevista.

MIKAEILLA (V.O.)

"Hoje eu sou assessora do Casarão Brasil e assessora da presidência. Então, tenho um cargo que me dá um pouco mais de liberdade e liderança em alguns aspectos. E aí algumas meninas do vôlei também falam para mim, me mandam mensagem, que eu sou inspiração, que eu sou uma referência, e eu fico pensando assim, meu Deus, que seja uma referência boa, né!"

"Quando a gente acaba se tornando referência, a gente tem que ser referências positivas, né? Eu acho que para elas a referência é maior de eu ter conseguido sair da prostituição, vir de lá do Pará e conseguir chegar a alguns espaços que nem eu imaginava que eu chegaria. Eu acho que isso me faz me tornar referência para elas e ver que podem mudar também a vida, né?"

"Acho que se eu conseguir mudar a vida de uma, duas, três, quatro, cinco pessoas, eu estou feliz."

Imagens da Mikaela na quadra e no casarão, presente em diferentes espaços. Alternadas com imagens de entrevista.

MIKAEILLA (V.O.)

"Um sonho? que mais meninas consigam passar dos 35 anos, que consigam se formar, que consigam ter uma qualidade de vida melhor, ter acesso ao esporte, à cultura, à saúde. Eu lido com a morte, hoje, com muita saudade de muitas amigas que partiram de forma ruim e de forma jovem ainda, com muito sonho e perspectiva. Antigamente eu não tinha medo de morrer, porque quando está ali na rua, você não sabe quem vem pela frente, mas tu tá ali pra viver ou para morrer, a gente não sabe o que vai acontecer. Mas, hoje eu ainda quero viver mais, quero viver muitos anos, quero passar dos 40, dos 50, dos 60, e me tornar referência de fato para elas, mas eu tenho medo ainda, lógico que eu tenho medo, hoje em dia eu tenho medo de morrer, antigamente eu não tinha, hoje eu tenho, porque eu acho que ainda não fiz tudo o que eu gostaria de fazer pela comunidade."

Mikaela discursando no Casarão Brasil.

MIKAEILLA

“Sabe por quê? Porque a primeira parada LGBT do mundo foi liderada por Marsha P. Johnson e Rivera, que foram duas travestis que na Revolta de Stonewall, lá nos Estados Unidos, se mostraram valentes e enfrentaram a população e a polícia, mostrando que a gente existia.”

“Dia 29 de janeiro da Visibilidade Trans e Travesti nesse país que mais mata, mas eles esqueceram que nós somos resistência”

Imagens de entrevista.

MIKAEILLA

“Eu quero ainda me focar numa estabilidade maior na minha questão profissional para que eu não precise nunca mais voltar para uma esquina. Está aí, um grande sonho, nunca mais eu ter que voltar para uma esquina!”

Montagem de clipes da Mikaela, das atletas do Angels Volley e de beneficiárias do Casarão Brasil.

Música: Ideais de Danna Lisboa.

CRÉDITOS FINAIS E AGRADECIMENTOS.